SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL E ANÁLISE DA CACIMBA: um caminho fenomenológico para entrevistas narrativas

Neila Barbosa Osório, Luiz Sinésio Silva Neto, Djanires Lageano Neto de Jesus, Ricardo Filipe da Silva Pocinho, Cristovão Adelino Fonseca Franco Ribeiro Margarido

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

Submetido em: 2026-11-15
Postado em: 2026-11-23 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL E ANÁLISE DA CACIMBA: um caminho fenomenológico para entrevistas narrativas

INTERGENERATIONAL EDUCATION AND CACIMBA ANALYSIS: a phenomenological path for narrative interviews

EDUCACIÓN INTERGENERACIONAL Y ANÁLISIS DE LA CACIMBA: un camino fenomenológico para entrevistas narrativas

Neila Barbosa Osório
Universidade Federal do Tocantins (UFT), Curso de Pedagogia, Programa de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas (GESPOL) e Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA), Universidade da Maturidade (UMA), Palmas, Tocantins, Brasil. Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PROFEDUC) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6346-0288. E-mail: neilaosorio@mail.uft.edu.br (endereço para correspondência).

Luiz Sinésio Silva Neto
Universidade Federal do Tocantins (UFT), Curso de Medicina e Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde (PPGECS), Universidade da Maturidade (UMA), Palmas, Tocantins, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3182-7727. E-mail: luizneto@mail.uft.edu.br.

Djanires Lageano Neto de Jesus
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande, Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PROFEDUC), Universidade da Maturidade (UMA/UEMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1434-5080. E-mail: netoms@uems.br.

Ricardo Filipe da Silva Pocinho
Universidade de Leiria e Oeste (ULO), Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Leiria, Portugal. Associação Nacional de Gerontologia Social (ANGES), Portugal. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1307-5434. E-mail: ricardo.pocinho@ulo.pt.

Cristóvão Adelino Fonseca Franco Ribeiro Margarido
Universidade de Leiria e Oeste (ULO), Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Leiria, Portugal. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2479-5114. E-mail: cristovao.margarido@ipleiria.pt.

Resumo

Este ensaio teórico-metodológico apresenta a Análise da Cacimba, caminho criado no campo da educação intergeracional para a compreensão de entrevistas narrativas. A questão norteadora é: como interpretar relatos de modo que a ciência permaneça próxima da vida de quem narra? O objetivo é descrever a construção coletiva desse caminho na Trama Viva: fundamentos, etapas e imagem de origem. O caminho nasceu nas aulas teóricas e práticas de uma oficina de pesquisa com mestrandos, doutorandos e acadêmicos da Universidade da Maturidade, no quilombo Furnas do Dionísio. A base é a fenomenologia social de Schutz (2012), com a suspensão do já sabido de Husserl (2006) e a percepção corporal de Merleau-Ponty (1999). São quatro passos: ler o depoimento inteiro, com o que o corpo expressou; encontrar as essências, isto é, o que se repete em mais da metade das entrevistas e se confirma no pensar; traduzi-las em frases da Educação; e escrever um parágrafo para cada uma, devolvido depois à comunidade. O nome vem da cacimba, poço raso cavado na beira dos rios amazônicos durante a seca, onde a água limpa só brota depois do barro. O método une rigor teórico, linguagem acessível a pesquisadores iniciantes e respeito a quem participa como dono do seu saber.

Palavras-chave: educação intergeracional; fenomenologia social; entrevista narrativa; análise qualitativa; saberes tradicionais.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

Abstract
This theoretical and methodological essay presents Cacimba Analysis, a path created in the field of intergenerational education for understanding narrative interviews. The guiding question is: how can accounts be interpreted so that science remains close to the lives of those who narrate them? The aim is to describe the collective construction of this path within Trama Viva: foundations, stages and the image of origin. The path emerged from the theoretical and practical classes of a research workshop with master's students, doctoral students and older learners of the Universidade da Maturidade, in the quilombo of Furnas do Dionísio. It draws on the social phenomenology of Schutz (2012), the suspension of prior knowledge in Husserl (2006) and bodily perception in Merleau-Ponty (1999). There are four steps: reading the whole testimony, including what the body expressed; finding the essences, that is, what recurs in more than half of the interviews and is confirmed through reflection; translating them into Education sentences; and writing one paragraph for each, later returned to the community. The name comes from the cacimba, a shallow well dug on the banks of Amazonian rivers during the dry season, where clear water only rises after the mud. The method combines theoretical rigor, language accessible to beginning researchers and respect for participants as owners of their knowledge.

Keywords: intergenerational education; social phenomenology; narrative interview; qualitative analysis; traditional knowledge.

Resumen
Este ensayo teórico-metodológico presenta el Análisis de la Cacimba, camino creado en el campo de la educación intergeneracional para la comprensión de entrevistas narrativas. La pregunta orientadora es: ¿cómo interpretar relatos de modo que la ciencia permanezca cercana a la vida de quien narra? El objetivo es describir la construcción colectiva de este camino en la Trama Viva: fundamentos, etapas e imagen de origen. El camino nació en las clases teóricas y prácticas de un taller de investigación con estudiantes de maestría, de doctorado y académicos de la Universidade da Maturidade, en el quilombo Furnas do Dionísio. La base es la fenomenología social de Schutz (2012), con la suspensión de lo ya sabido de Husserl (2006) y la percepción corporal de Merleau-Ponty (1999). Son cuatro pasos: leer el testimonio entero, con lo que el cuerpo expresó; encontrar las esencias, es decir, lo que se repite en más de la mitad de las entrevistas y se confirma en la reflexión; traducirlas en frases de la Educación; y escribir un párrafo para cada una, devuelto después a la comunidad. El nombre viene de la cacimba, pozo poco profundo cavado en la orilla de los ríos amazónicos durante la sequía, donde el agua limpia solo brota después del barro. El método une rigor teórico, lenguaje accesible a investigadores principiantes y respeto a quien participa como dueño de su saber.

Palabras clave: educación intergeneracional; fenomenología social; entrevista narrativa; análisis cualitativo; saberes tradicionales.

Introdução

A Análise da Cacimba nasceu numa oficina de pesquisa com mestrandos, doutorandos e acadêmicos da Universidade da Maturidade (UMA) que analisavam entrevistas narrativas feitas no quilombo Furnas do Dionísio, em Jaraguari, Mato Grosso do Sul. Os passos do método fenomenológico de Giorgi (2009) se mostraram complicados para pesquisadores iniciantes. Até a análise, tudo correu com fluidez: a chegada, a escuta e a entrevista. Na análise, depois de duas aulas, a primeira autora percebeu que a turma concordava sem compreender. Ela viu através do silêncio da turma, que parecia compreensão e guardava solidão, e sentiu que, daquele modo, a análise não chegava ao significado real das falas.

A dificuldade revelou uma questão maior: muito do que se lê sobre método fica longe da vida das pessoas. O caminho surgiu da necessidade de dar forma concreta à análise das

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

informações, como já havia acontecido com a própria Trama Viva (Osório; Jesus; Silva Neto, 2026). Tudo levou tempo, como leva tempo a água limpa numa aldeia, num quilombo ou em qualquer comunidade de saberes tradicionais.

Trata-se de um ensaio teórico-metodológico que comunica um conhecimento novo: um caminho de análise de entrevistas narrativas que os autores não encontraram descrito na literatura consultada. Ele nasce da experiência da oficina, ligada a uma pesquisa aprovada por Comitê de Ética, e do encontro com autores da fenomenologia e da entrevista narrativa, lidos ao lado das falas de Furnas. A justificativa é prática e científica: os métodos consagrados usam termos técnicos que afastam o pesquisador iniciante, e as comunidades tradicionais pedem um caminho que respeite o tempo, o corpo e a autoria de quem conta. Na escola, os saberes quilombolas ainda entram muitas vezes como folclore (Moura; Soares; Soares, 2022).

A literatura recente mostra por que esse caminho faz falta. Uma revisão sobre relações intergeracionais na universidade encontrou ganhos consistentes no contato entre gerações, mas poucas iniciativas fora dos projetos de extensão (Barros et al., 2025). Outro estudo, sobre as universidades brasileiras voltadas à pessoa idosa, concluiu que, na maioria dos casos, o que existe ainda é só o encontro entre as gerações (Rovetta et al., 2024). Na pesquisa, a revisão de James e Buffel (2022) localizou 27 estudos com velhos como copesquisadores e registrou a crítica de que essa participação costuma ser simbólica. Falta, portanto, descrever como o velho entra na pesquisa da pós-graduação como quem ensina, e com qual caminho de análise.

Dessa falta vem a questão norteadora deste ensaio: como interpretar relatos de modo que a ciência permaneça próxima da vida de quem narra? O objetivo é descrever a construção coletiva da Análise da Cacimba na Trama Viva, com fundamentos, etapas e imagem de origem, caminho formulado pela primeira autora e pelo segundo autor para a pesquisa em educação intergeracional. A construção é coletiva porque aconteceu no encontro entre a universidade, a comunidade e os acadêmicos da UMA; a formulação em passos é da primeira autora e do segundo autor. A análise do conjunto das entrevistas não é objeto deste texto.

O fenômeno que este ensaio interroga é a análise de entrevistas narrativas tal como a vivem pesquisadores iniciantes diante das falas de uma comunidade tradicional. A corrente que orienta o estudo é a fenomenologia social de Schutz (2012), que busca o sentido que as pessoas dão ao que viveram. Por isso a pergunta começa por como e o objetivo é descrever: o ensaio compreende um caminho.

O caminho se insere no programa de investigação da Trama Viva (Osório; Jesus; Silva Neto, 2026), desenvolvido na UMA, projeto da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e tecnologia social em educação de velhos. Nele, o velho ensina, cada geração traz um saber próprio e a pesquisa volta ao território que a recebeu.

A UMA sustenta esse programa com vinte anos de ensino, pesquisa e extensão reunidos no mesmo projeto (Osório; Silva Neto, 2026), como pede o princípio constitucional que une as três funções da universidade (Brasil, 1988, art. 207). A origem está no ensino: em 2004, a

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

primeira autora criou na UFT a especialização em Gerontologia, que formou os primeiros professores, e em 2006 a UMA abriu suas turmas como projeto de extensão do Curso de Pedagogia. Na extensão, o projeto chegou a 23 polos, no Tocantins, em Mato Grosso do Sul e em Portugal, entre eles o polo quilombola de Furnas do Dionísio. Na pesquisa, reúne 137 orientações de pós-graduação e duas linhas reconhecidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Esse tempo importa para o método. A Trama Viva foi organizada depois de uma década de prática, quando a observação repetida mostrou o que se mantinha de uma turma a outra (Osório; Silva Neto, 2026). A Análise da Cacimba segue o mesmo modo de fazer ciência: a convivência longa com os velhos e com os territórios vem antes do nome e da ordem. Um caminho de análise que nasce assim traz a experiência de quem ensina, pesquisa e vai ao território há vinte anos.

O lugar de quem pesquisa faz parte do rigor fenomenológico (Van Manen, 1990). A primeira autora pesquisa o envelhecimento humano e a educação intergeracional há mais de três décadas e é autora, com o segundo autor, da UMA.

Os três primeiros autores são de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, e a bisavó da primeira autora era Guarani. A vida dela começa em Campo Grande, de onde saiu doutora. Na Amazônia, criou a UMA com o segundo autor, e ali a teoria se abriu. Com a Trama Viva, ela trabalha hoje também em Mato Grosso do Sul. Para ela, pesquisar em Furnas é beber da ancestralidade da cultura em que nasceu, e a cacimba é imagem que viu desde menina.

Quem conhece de perto o que estuda precisa saber o que deixar de lado antes de ler. Na oficina, o que precisou ser suspenso foi a certeza de que o método já conhecido servia à turma.

Fundamentos teóricos

Educação intergeracional: aprender com quem viveu

A educação intergeracional parte de uma ideia simples: cada geração traz um saber próprio, e as gerações aprendem umas com as outras. Freire (1996) escreveu que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Na UMA, essa frase tem endereço: o saber do velho foi construído na vida, o do jovem na academia, e nenhum dos dois ocupa o lugar do outro.

O campo tem história própria. Mannheim (1982), em texto de 1928, mostrou que uma geração se forma pelo tempo histórico que as pessoas partilham, e a idade sozinha não a define. Britto da Motta (2010) retomou esse conceito nos estudos brasileiros do envelhecimento. Mannion (2012) trouxe ao campo duas palavras que interessam a este ensaio: reciprocidade e lugar. Para esse autor, há educação intergeracional quando as gerações aprendem umas com as outras e quando esse aprender responde ao lugar em que acontece.

A Trama Viva (Osório; Jesus; Silva Neto, 2026) nasceu dessa convivência. Ela existiu como prática entre gerações na UMA, criada em 2006, antes de receber nome e de ser escrita

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

como teoria. O nome veio quando a observação repetida mostrou o que se mantinha de uma turma a outra. A imagem vem da cultura amazônica: na rede de dormir e no trançado de palha, os fios se ligam e cada um continua inteiro. A trama é viva porque segue em feitura.

A Trama Viva (Osório; Jesus; Silva Neto, 2026) organiza esse aprender com o outro em três operadores culturais. A Rede é a chegada e a escuta. O Pilão é a elaboração, feita com quem contou. O Trançado é a escrita que volta ao território. Os nomes vêm do cotidiano das comunidades tradicionais, e a ordem é a de quem vive ali: primeiro se escuta, depois se soca o grão, depois se trança.

No livro que apresenta o conceito, cada operador tem fundamento próprio (Osório; Jesus; Silva Neto, 2026). A Rede se apoia na relação entre pessoas que partilham o mesmo tempo e o mesmo lugar, descrita por Schutz (2012). O Pilão transforma a experiência em conhecimento pela memória, pela narrativa e pela escuta que não interrompe, não corrige e não apressa. O Trançado liga saberes de gerações e de territórios sem apagar a autoria de cada um. A Análise da Cacimba herda os três fundamentos.

Santos (2007) ajuda a entender o que está em jogo. Para esse autor, o pensamento moderno traçou uma linha que separa a ciência dos outros saberes, e o que fica do outro lado, como o saber camponês, quilombola ou indígena, deixa de contar como conhecimento e vira matéria-prima para a pesquisa. A ecologia de saberes que ele propõe pede a presença dos dois lados na mesma mesa. Um caminho de análise para comunidades tradicionais precisa responder a essa exigência nos gestos de quem pesquisa.

A Trama Viva (Osório; Jesus; Silva Neto, 2026) resume essa exigência numa frase: aprender com, e não aprender sobre. Aprender sobre trata o outro como objeto de observação; aprender com supõe parceria e conhecimento feito a dois. Brandão (1986), na educação popular, já partia do saber do povo como saber. Nas pesquisas da UMA sobre o benzer, o rezar e o curar, as benzedeiras ensinam como mestras, e o saber delas entra na universidade com o nome de quem o guarda (Oliveira *et al.*, 2024; Osório; Sera, 2026).

Fenomenologia social: o mundo da vida e o sentido de quem viveu

A Análise da Cacimba segue a fenomenologia social de Schutz (2012). Para esse autor, o mundo da vida é o mundo do dia a dia, aquele que as pessoas vivem e partilham antes de qualquer teoria. Pesquisar, nessa linha, é compreender o sentido que as pessoas dão ao que viveram. Schutz (2012) chama esse sentido de construto de primeiro grau; o que o pesquisador constrói a partir dele é o construto de segundo grau. A frase da Educação é esse segundo construto: nasce da fala de quem conta e a leva para a linguagem da ciência.

Três ideias de Schutz (2012) sustentam o caminho. A primeira é o estoque de conhecimento à mão: cada pessoa interpreta o que vive com o que aprendeu dos seus, e esse estoque tem história e lugar. A segunda é a distinção entre os motivos: o motivo para, que aponta o que a pessoa quer alcançar, e o motivo porque, que vem do que ela já viveu. A terceira é a relação face a face, em que duas pessoas partilham o mesmo tempo e o mesmo espaço e uma

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

percebe a outra por inteiro, com a palavra e com o corpo. A entrevista narrativa é uma relação desse tipo.

Crusoé e Santos (2020) mostram o que essa fenomenologia oferece à pesquisa em educação: apreender a prática educativa pelo sentido que ela tem para quem a vive, pôr em questão o lugar do pesquisador e refinar os instrumentos de produção e de análise das informações. A Análise da Cacimba se inscreve nessa terceira contribuição.

Na educação brasileira, a fenomenologia ganha espaço, mas os procedimentos variam muito, e muitos estudos declaram apenas inspiração no método (Belo; Mercado, 2022). A fenomenologia de Schutz já sustenta pesquisas com narrativas de estudantes (Coutinho; Cunha, 2024) e a defesa de uma escola que escuta o mundo de quem aprende (Alfredo; Félix, 2025). A Análise da Cacimba responde a essa variação com passos simples e sempre na mesma ordem.

O mundo da vida tem chão. A Análise da Cacimba nasce dentro da ontoepistemologia pedagógica situada, conceito de Osório e Silva Neto: o lugar onde o acontecimento acontece (Osório; Jesus; Silva Neto, 2026). Por isso, o cenário de cada saber permanece na análise: na roça se ensina de um jeito, na sala de aula de outro. O território é o quilombo inteiro, com sua gente e sua história; o cenário é o lugar de cada saber dentro dele, como a roça ou a beira do rio. Dentro dessa concepção está a Acolhência, a universidade que também escuta (Osório; Silva Neto; Batista, 2026). A leitura da cacimba é um gesto de Acolhência: esvaziar para receber a fala como veio, escutar o corpo e o silêncio e devolver o texto a quem contou.

A suspensão, a essência e o corpo

O primeiro gesto do caminho vem de Husserl (2006), a *epoché*, palavra grega que significa suspender o juízo. Antes de ler uma entrevista, o pesquisador deixa de lado o que já pensa sobre o tema. Ele não apaga o que sabe, apenas guarda por um tempo, para ouvir o outro como ele é.

A essência, na fenomenologia, é aquilo sem o qual uma experiência deixa de ser o que é (Husserl, 2006). Na Análise da Cacimba, a essência aparece em dois movimentos: o que se repete em mais da metade das entrevistas e o que o pesquisador percebe quando pensa sobre as falas. A contagem mostra onde olhar; o pensar dá a profundidade. Esse pensar segue Husserl (2006): o pesquisador imagina a experiência sem cada um dos seus traços e observa qual falta faz a experiência deixar de ser o que é. O traço que resiste a essa prova é a essência.

Nesse pressuposto, o corpo também fala. Para Merleau-Ponty (1999), o corpo exprime sentido antes da palavra. Na educação, Santos e Sousa (2024) mostram que é pelo corpo vivido que cada pessoa se relaciona com o mundo. Por isso o caminho registra o silêncio, o riso, o olhar e a voz que canta baixinho. Há vezes em que a pessoa não conta, mas o pesquisador percebe, e o que o corpo contou entra na análise.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

A entrevista narrativa

A entrevista narrativa é a porta de entrada. Bosi (1994) mostrou que lembrar é o trabalho social do velho e que a memória dele guarda conhecimento da sociedade inteira. Na entrevista narrativa, quem conta organiza a própria história, e o pesquisador escuta sem interromper (Schütze, 2010; Jovchelovitch; Bauer, 2002).

A entrevista narrativa tem fases conhecidas. Jovchelovitch e Bauer (2002) descrevem quatro: a iniciação, em que o pesquisador apresenta o tema; a narração central, que não se interrompe; a fase de perguntas, feitas só depois que a pessoa termina, com as palavras que ela usou; e a fala conclusiva, quando a entrevista já acabou e ainda se conversa. Schütze (2010) mostra por que essa ordem importa: ao contar sem interrupção, a pessoa organiza a própria história, escolhe o que vem primeiro e fecha o que abriu. A Análise da Cacimba recebe a fala nessa forma, inteira, e por isso o primeiro passo é ler tudo antes de separar qualquer parte.

Metodologia

Natureza do estudo

Este estudo é um ensaio teórico-metodológico de abordagem qualitativa, na corrente da fenomenologia social (Schutz, 2012). Ele descreve a construção de um caminho de análise a partir de uma experiência que reuniu ensino, pesquisa e extensão. A análise do conjunto das entrevistas fica reservada a outro artigo; aqui, uma única fala serve de exemplo.

Cenário e participantes

O cenário é duplo. O primeiro é a sala de aula do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PROFEDUC) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), em Campo Grande. O segundo é o quilombo Furnas do Dionísio, em Jaraguari, Mato Grosso do Sul, onde a UMA Quilombola reúne os velhos que ensinam. Participaram os mestrandos e os doutorandos do componente curricular, cinco acadêmicos da UMA, um em cada equipe, e os moradores de Furnas que aceitaram contar a sua história. Foram 25 entrevistas narrativas, cinco por equipe.

Os velhos de Furnas que contaram a sua história seguem em atividade: todos ainda trabalham na roça, e há quem prepare o artesanato à noite e trance o cesto de taboca, planta da região, trabalho que pede contar a todo momento para mudar o ponto e a posição. Eles representam a longevidade criativa (Osório; Silva Neto, 2026).

Os caminhos percorridos: ensino, pesquisa e extensão no território

O que tem importância neste ensaio é o caminho percorrido em conjunto. Caminharam juntos os docentes, os acadêmicos e os funcionários da UMA, os mestrandos e os doutorandos do PROFEDUC e os quilombolas de Furnas, de todas as idades. A equipe de funcionários da UMA em Mato Grosso do Sul, com os docentes da UMA Indígena e da UMA Quilombola,

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

trabalha por meio de uma parceria com a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Nele, os três pés da universidade andaram juntos: o ensino, a pesquisa e a extensão. O ensino aconteceu nas aulas da oficina de pesquisa do PROFEDUC, com mestrandos e doutorandos organizados em cinco equipes. Cada equipe teve um acadêmico da UMA como pesquisador sênior, que levou para a equipe o saber de quem vive o envelhecimento. A pesquisa veio da Trama Viva (Osório; Jesus; Silva Neto, 2026), que levou a turma a ouvir, por meio de entrevistas narrativas, quem vive no quilombo Furnas do Dionísio. A extensão já estava no território: a UMA Quilombola reúne ali os velhos que ensinam, e foram eles que abriram a casa e a palavra.

O Quadro 1 mostra os caminhos na ordem em que foram percorridos, com o lugar e o instrumento de cada um.

Quadro 1: Os caminhos percorridos, na ordem em que aconteceram

Caminho	**Onde**	**Instrumento**	**O que ficou registrado**
1. Preparar a escuta	Polo da UMA na UEMS e sala do PROFEDUC, em Campo Grande	Livro da Trama Viva, planos e *slides* das aulas, entrevista com um benzedor na sala, roteiro da entrevista narrativa	Cinco equipes formadas e roteiro pronto
2. Chegar e pedir licença	Jaraguari e, depois do convite, o quilombo Furnas do Dionísio	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	O convite da comunidade e a licença de cada pessoa
3. Escutar	Furnas do Dionísio	Entrevista narrativa, aberta por uma só pergunta, gravada em vídeo e em áudio	25 narrações, cinco por equipe
4. Perceber	Furnas do Dionísio	Diário de campo, escrito logo depois do encontro, e as imagens do vídeo	O silêncio, o olhar e o canto de quem contou
5. Voltar à sala e analisar	Sala do PROFEDUC e encontros on-line	Tabela de análise da equipe, com quatro funções, e os passos de Giorgi (2009)	Tabelas conferidas por cada equipe
6. Rever o caminho	Aulas de análise	Observação da primeira autora sobre a turma	A percepção de que a turma concordava sem compreender
7. Dar passos e nome	Trabalho da primeira autora com o segundo autor	Anos de pesquisa e de observação; a imagem da cacimba	A Análise da Cacimba, em quatro passos
8. Conferir na literatura	SciELO, Portal de Periódicos da CAPES e BDTD	Expressões de busca	Os números de cada busca, no Quadro 4
9. Devolver	Turma da oficina e Furnas do Dionísio	Volta das falas a quem contou, acompanhada por uma professora da UMA na UEMS que é do quilombo, e leitura deste texto pela turma	Falas conferidas e, em alguns casos, refeitas por quem contou

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

A construção teve quatro movimentos. No primeiro, a turma analisou uma fala com os quatro passos de Giorgi (2009). No segundo, depois de duas aulas de análise, a primeira autora percebeu que a turma apenas concordava, sem compreender: o difícil era explicar como achar o que se repete e como descobrir o sentido sem invadir a fala. Ela viu através do silêncio da turma: ele parecia compreensão e guardava a solidão de cada pesquisador diante da análise. Perto do fim de um caminho construído em conjunto, era desanimador para os pesquisadores dizer à professora que não tinham mergulhado naquela análise, e eles se calaram. Por esse caminho, a turma não alcançava o significado real das falas. No terceiro, ela voltou ao modo como compreendeu a análise em anos de pesquisa e de observação: ler as entrevistas inteiras, contar o que se repete, encontrar as essências e escrever sobre cada uma. Com o segundo autor, organizou esse modo em quatro passos, com palavras do dia a dia e com a imagem da cacimba. No quarto, o texto volta à turma, que o lê e confere. O Quadro 7 mostra a ligação entre cada dificuldade e cada passo.

A escuta com devolução vem de antes de Furnas. Na graduação em Pedagogia da UFT, os estudantes entrevistam, em dupla, um acadêmico da UMA e leem para ele o relato antes da versão final. No Pilão dessas aulas, a turma já buscava as essências do que ouviu, com os autores ao lado da experiência. A oficina de Furnas levou essa prática à pós-graduação e ao território quilombola, e a Análise da Cacimba lhe deu passos e nome.

O método se fez nos gestos: chegar pela cidade próxima e esperar o convite; entrar no território e pedir licença; escutar sem interromper; perceber o silêncio, o olhar e o canto; voltar à sala e cavar a fala até a água clara; levar o texto de volta a quem contou. Cada gesto tem o seu território, o quilombo, a sala de aula e a UMA, e cada um ensinou uma parte do caminho.

A imagem da cacimba deu nome ao que todos já faziam: cavar fundo, esperar a água e levá-la de volta. A ciência, aqui, está no modo de caminhar. A universidade, a comunidade e os acadêmicos da UMA cavaram juntos.

Instrumentos utilizados

Dez instrumentos sustentaram os caminhos. O Quadro 2 diz para que serviu cada um.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

Quadro 2: Os instrumentos e a função de cada um

Instrumento	Para que serviu
Livro da Trama Viva	Conduziu as aulas, sem apostila, com leitura dos capítulos entre os encontros
Planos e *slides* das aulas	Organizaram a teoria de cada encontro
Painel da oficina, com as folhas Equipes, Rede, Pilão e Trançado	Mostrou à turma o que já estava feito e o que faltava
Roteiro da entrevista narrativa	Abriu a narração com uma só pergunta e guardou as demais para o fim
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	Registrou o aceite de cada participante
Gravação em vídeo e em áudio	Guardou a fala inteira e o que o corpo contou: o silêncio, o riso, o olhar, o canto
Diário de campo	Recebeu, logo depois de cada encontro, o que o pesquisador percebeu
Tabela de análise da equipe	Reuniu, para cada fala, a leitura, as partes e a frase da Educação
Quatro funções na equipe: leitor, escriba, conferente e relator	Puseram mais de um olhar sobre a mesma fala
Expressões de busca nas bases	Conferiram se o caminho já estava descrito na literatura

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

O ensaio se apoia em quatro materiais: os planos e os *slides* das aulas; o painel da oficina, com as folhas das Equipes, da Rede, do Pilão e do Trançado; as tabelas de análise produzidas pelas equipes; e uma fala de Furnas, escolhida para o exercício de análise em sala. As tabelas chegaram à primeira autora como texto, enviadas por cada equipe depois da conferência entre os seus membros.

A primeira autora escolheu essa fala para a compreensão de quem começava: os mestrandos e os doutorandos no início da pós-graduação e os acadêmicos da UMA que atuavam como pesquisadores seniores. É uma fala curta, que reúne em poucas frases quem ensinou, onde se aprendeu e um juízo sobre o presente. A turma já tinha construído a Trama Viva nas aulas, e a fala de Furnas trouxe a prática para junto dessa teoria. A escolha buscou sensibilizar a turma para viver as duas juntas, com prazer.

A abertura das entrevistas

As entrevistas seguiram o roteiro preparado nas aulas da oficina. Com o termo assinado, a pergunta que abre a narração foi feita uma vez só: “Conte-me a sua história: como o senhor aprendeu o que sabe e com quem aprendeu.” Em seguida vinha o convite: “Pode começar de onde quiser, até de quando era menino. Do seu jeito, no seu tempo.” Durante a narração, ninguém interrompia nem corrigia.

Terminada a narração, as perguntas retomavam só o que a pessoa tinha contado, com as palavras dela e sem a pergunta “por quê”, como orientam Jovchelovitch e Bauer (2002). Elas

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

tratavam de quem ensinou, de como se aprende, de a quem a pessoa já ensinou e de como se aprendia em Furnas antes e hoje. As últimas levavam a fala até a escola de educação básica: “O que a escola precisa saber sobre Furnas?” e “Um professor chega a Furnas. O que precisa aprender primeiro?” Assim, cada entrevista contou como a pessoa aprendeu e o que ela ensina a quem ensina.

As aulas da oficina: teoria e prática no mesmo chão

A Trama Viva chegou à turma antes da oficina. A primeira autora deu no polo da UMA na UEMS a aula da cuia, da comida e do causo, com acadêmicos da UMA, professores, mestrandos e doutorandos. A cuia do tereré passou de mão em mão, e cada pessoa escreveu o saber que só ela guarda na família. A cacimba nasce dessa mesma escolha: ensinar a ciência com as imagens do território.

A oficina de pesquisa nasceu dentro do componente curricular Educação e Formação Docente em Tecnologias e Intergeracionalidade, do PROFEDUC, a pedido da coordenação do Programa. Reuniu mestrandos, doutorandos e acadêmicos da UMA em cinco encontros, parte em Campo Grande, parte on-line, com uma ida ao quilombo entre eles. A condução seguiu o livro da Trama Viva (Osório; Jesus; Silva Neto, 2026), sem apostila, e a leitura dos capítulos aconteceu entre um encontro e outro, com perguntas levadas à aula seguinte.

Os três operadores culturais da Trama Viva organizaram a oficina (Osório; Jesus; Silva Neto, 2026). A Rede foi a chegada e a escuta: a formação das cinco equipes, cada uma com um acadêmico da UMA, e a entrevista narrativa. O Pilão foi a volta à sala, onde cada equipe elaborou o que ouviu. O Trançado foi a escrita e a devolução. Na pesquisa, a Trama Viva identifica, e a análise acontece dentro do Trançado: foi ali que a Análise da Cacimba encontrou o seu lugar.

Em cada encontro, a teoria e a prática ocuparam a mesma sala. A teoria entrou quando a prática pediu: a história do saber dentro da ciência veio antes da primeira entrevista; a fenomenologia, o mundo da vida e a Acolhência (Osório; Silva Neto; Batista, 2026) vieram antes da ida a Furnas; os passos de Giorgi (2009) vieram com as falas de Furnas na mão. A prática, por sua vez, corrigiu a teoria: foi ao acompanhar a análise de uma fala real que a primeira autora notou onde os termos técnicos pesavam.

Um painel afixado na parede acompanhou a turma, com quatro folhas: Equipes, Rede, Pilão e Trançado. O Quadro 3 reúne os encontros, com a teoria, a prática e o que cada um ensinou ao caminho.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

Quadro 3: Os encontros da oficina, entre a teoria e a prática

Encontro	Teoria	Prática	O que ensinou ao caminho
Primeiro	A história do saber dentro da ciência; a Trama Viva e seus três operadores culturais; a entrevista narrativa	Formação das cinco equipes, cada uma com um acadêmico da UMA; entrevista narrativa com um benzedor de Furnas, conduzida pela primeira autora; abertura do painel da oficina	Escutar sem interromper
Leituras entre os encontros	Capítulos do livro da Trama Viva	Cada pesquisador leva uma pergunta para a aula seguinte	A leitura prepara a escuta
Segundo	Fenomenologia, mundo da vida e Acolhência (Osório; Silva Neto; Batista, 2026): a universidade que também escuta	Ida ao quilombo Furnas do Dionísio: 25 entrevistas narrativas, cinco por equipe	Pedir licença e perceber o que o corpo conta
Terceiro	O Pilão e os passos 1 e 2 de Giorgi (2009)	Leitura de uma fala inteira e corte em unidades de significado	Os termos técnicos pesam para quem começa
Quarto	Os passos 3 e 4 de Giorgi (2009)	Cada equipe transforma a fala na linguagem da Educação e confere a própria tabela	A frase da Educação e a prova do que não pode faltar
Quinto	O Trançado, a devolução e a escrita do artigo	Cada equipe planeja o texto e a volta a Furnas	O texto volta a quem contou
Revisão do caminho	A Análise da Cacimba, em quatro passos	Leitura deste texto pela turma, sem *slides*	O rigor fala a língua de quem começa

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

A aula de entrevista narrativa veio antes da ida ao quilombo. A primeira autora levou à turma três razões para essa escolha: quem conta escolhe o caminho, o pesquisador escuta inteiro e a vida chega antes da pergunta (Schütze, 2010). A turma estudou então cinco momentos, a preparação e as quatro fases de Jovchelovitch e Bauer (2002): combinar tudo antes de gravar; fazer a pergunta que abre; ouvir a narração sem interromper; perguntar com as palavras de quem contou; e conversar no fim, com o gravador desligado. O que se diz nessa conversa final vai só para o diário de campo.

A turma viu a entrevista narrativa antes de fazê-la. Na sala do PROFEDUC, a primeira autora entrevistou um benzedor de Furnas, de 81 anos, que ainda carpe a roça e participa da UMA no quilombo. Ele chegou uniformizado, com a coordenadora da UMA em Furnas, benzeu a professora ao recebê-la e disse que ela também deve aprender. Contou que aprendeu a benzer com a mãe, que já escolheu quem continua o benzimento e que viveu de trabalho e de cuidado

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

com a família numerosa. Em Furnas, outras benzedeiras também aprenderam com as mães, e cada uma benze com o seu objeto e as suas folhas.

No fim, ele recebeu o certificado de professor benemérito do PROFEDUC. Muitos pediram o benzimento, e todos quiseram a fotografia com ele. Quando as equipes chegaram a Furnas, o certificado estava num quadro, e ele disse que era a primeira vez que tinha sido reconhecido. A turma aprendeu ali, antes de qualquer análise, que quem conta é dono do seu saber.

A aula de fenomenologia partiu de exemplos do território. Na roda de tereré de Mato Grosso do Sul, as regras não estão escritas, e quem diz “obrigado” avisa que não quer mais: é o estoque de conhecimento à mão de que fala Schutz (2012), aprendido com os seus. A frase “não quero dar trabalho” pode guardar orgulho, medo ou carinho, e só a história de quem fala diz qual deles. Desses exemplos saiu a regra que a turma levou a Furnas: pedir “me conte o que você sente” no lugar de afirmar “eu sei o que você sente”.

O acadêmico da UMA foi pesquisador sênior em cada equipe. Diante de uma frase da entrevista, dizia o que faltava, o que a equipe tinha ouvido depressa e o que só quem viveu muito escuta. Cada geração trouxe o seu saber: o do velho, construído na vida, e o do jovem, construído na academia.

Nos encontros de análise, cada equipe dividiu quatro funções: leitor, escriba, conferente e relator. A equipe conferia a própria tabela antes de enviá-la, e o trabalho de análise ficou com os pesquisadores, sob a orientação da primeira autora. Essa escolha tem razão de método: quem analisa aprende a analisar, e a formação do pesquisador acontece no gesto.

Levantamento da literatura

Para sustentar a afirmação de que o caminho ainda não está descrito, foi feito um levantamento da literatura em 15 de novembro de 2026, em três movimentos. O primeiro foi a busca na Scientific Electronic Library Online (SciELO), pelo buscador da rede, em todos os índices e em todas as coleções, o que inclui o SciELO Preprints, sem limite de período. O Quadro 4 traz as sete expressões de busca e o número de resultados de cada uma.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

Quadro 4: Buscas na SciELO, em 15 de novembro de 2026

Expressão de busca	Resultados	O que se encontrou
cacimba	8	Nenhum método de análise; um artigo de Educação trata a cacimba como símbolo de pertencimento quilombola
“entrevista narrativa” AND fenomenologia	1	Estudo de Psicologia, sem proposta de método
“método de análise” AND “fenomenologia social”	1	Estudo da área da Saúde
“análise de entrevistas” AND (quilombola OR “saberes tradicionais”)	0	Nenhum registro
“fenomenologia social” AND educação	14	Todos da área da Saúde, a maioria da Enfermagem
“entrevista narrativa” AND “método de análise”	2	Psicologia e Ciências Sociais, sem proposta de método
“método fenomenológico” AND entrevista AND educação	2	Nenhuma proposta de método novo

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Nenhum registro apresentou método de análise com o nome ou com a imagem da cacimba. O achado mais próximo é o de Leal e Boakari (2023), em que a cacimba aparece, nas narrativas de comunidades quilombolas, como símbolo de pertencimento à terra. Esse estudo confirma a força da imagem nos territórios tradicionais e não trata de análise de entrevistas.

O segundo movimento foi a busca no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). No Portal de Periódicos, quatro expressões não trouxeram registro: “análise da cacimba”; cacimba AND “método de análise”; cacimba AND “pesquisa qualitativa”; e “fenomenologia social” AND quilombola. A expressão “entrevista narrativa” AND “fenomenologia social” listou cinco registros, de quatro estudos da Educação, todos com análise pelo Método Documentário, descrito por Weller e Zardo (2013). A expressão “entrevista narrativa” AND “método de análise” AND fenomenologia listou um estudo, sem proposta de método novo.

Na BDTD, a expressão cacimba AND “método de análise” não trouxe registro. A palavra cacimba no título trouxe 13 trabalhos, sobre água, léxico, território e nomes de lugares, nenhum sobre análise de entrevistas. A expressão “entrevista narrativa” AND “fenomenologia social” trouxe duas teses, e “fenomenologia social” AND quilombola, uma dissertação da área da Saúde.

O terceiro movimento foi uma busca complementar na web, com filtro para os domínios do portal Educ@, da Redalyc e da Dialnet, com os mesmos descritores. Os estudos mais próximos são de três tipos: os que aplicam a fenomenologia social de Schutz (2012) à pesquisa em educação, como Crusoé e Santos (2020); os que analisam falas de comunidades quilombolas

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

com métodos consagrados, como a análise de conteúdo e a análise temática; e os que propõem procedimentos brasileiros de análise com nome próprio, como a Análise Textual Discursiva (Moraes, 2003) e a Análise de Prosa Enredada (Nascimento; Farias; Ramos, 2019).

O levantamento tem limites declarados: usou só expressões em português, a BDTD esteve instável no dia da consulta e a busca complementar não registrou o número de resultados. Ele sustenta a frase de que os autores não encontraram o caminho descrito na literatura consultada.

Cuidados de rigor

Cinco cuidados sustentam o rigor do ensaio. O primeiro é a suspensão declarada: antes de ler, cada pesquisador diz o que já pensa sobre o tema e deixa isso de lado. O segundo é a leitura em equipe, que põe mais de um olhar sobre a mesma fala. O terceiro é a presença do acadêmico da UMA, que confere com a vida o que a equipe entendeu.

O quarto é a devolução a quem contou: as falas voltaram a Furnas, algumas foram refeitas por quem as disse e retornaram às equipes antes da análise do conjunto das entrevistas. A volta foi acompanhada por uma professora da UMA na UEMS que é do quilombo, ensina na comunidade e conhece todos os que participaram. O quinto é o registro do caminho, que Lincoln e Guba (1985) tratam como condição para que outro pesquisador confira o que foi feito: os planos das aulas, o painel da oficina e as tabelas das equipes guardam cada decisão.

Aspectos éticos

A pesquisa que deu origem à fala usada neste ensaio foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) como coparticipante, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 94766925.9.0000.5519, parecer n. 8.235.477.

Antes de cada entrevista, a equipe pediu licença à pessoa e à comunidade, e cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A gravação em vídeo e em áudio só foi feita com a autorização de quem contou. A entrada no território seguiu o modo de chegar da UMA: primeiro a cidade próxima, ou uma instituição que já trabalha dentro da comunidade, e dali a espera pelo convite. Foi assim em Dourados, no Quilombo Malhadinha e na Aldeia José de Brito. Em Furnas, a UMA chegou por Jaraguari, onde já trabalhava, e entrou no quilombo quando foi convidada. Essa convivência deu às entrevistas a confiança de quem conta a gente conhecida. As falas entram no texto sem nome e sem informação que identifique quem contou.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

Resultados: a Análise da Cacimba

A cacimba: a imagem que dá nome ao caminho

Na Amazônia, quando o rio baixa na seca, quem sabe cava a cacimba na beira do rio. A cacimba é um poço raso, aberto à mão na areia ou na terra úmida. A água mina da terra, devagar, sem que ninguém a puxe à força.

Na UMA, uma história ensina o caminho da cacimba. No tempo da seca, o rio baixou e a comunidade ficou sem água limpa. A avó chamou a neta para fazer a cacimba. Na primeira enxada saiu barro, e a neta quis parar; a avó disse que barro é sinal de que a água está perto. Cavaram mais, e a água brotou em vários pontos, ainda turva. Lá no fundo, a água veio clara. A neta levou a primeira cuia para a casa vizinha e, na seca seguinte, foi ela quem ensinou outra criança a cavar.

A história mostra a análise inteira, camada por camada.

Quadro 5: A cacimba e a análise, camada por camada

Na cacimba	Na análise
Abrir o vazio na terra	Deixar de lado o que já se pensa
O barro da superfície	A fala, como foi dita
A água em vários pontos	O que se repete
A água clara do fundo	A essência
A água na cuia	A frase da Educação
A cuia na casa vizinha	A escrita e a devolução à comunidade: a partilha

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

A primeira autora aprendeu a essência como o sumo da laranja, aquilo que sobra quando se espreme a fruta. Na cacimba, a essência é a água limpa, que vem em ordem: primeiro o barro, depois a água suja, depois a água limpa. O sumo sai à força; a água limpa vem com tempo e brota da terra do outro.

As duas palavras centrais também contam uma história. Cacimba vem do quimbundo, língua de Angola, em que *kixima* quer dizer poço (Houaiss; Villar, 2009); chegou ao Brasil com os povos africanos escravizados e vive nos quilombos. Cuia vem do tupi antigo *kuîa*, a cabaça, fruto da cuieira (Navarro, 2013). No Baixo Amazonas, o modo de fazer cuias, passado entre gerações e feito sobretudo por mulheres, foi inscrito no Livro de Registro dos Saberes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como patrimônio cultural imaterial do Brasil, em 2015 (Sousa; Camargo; Silva, 2020). O nome do caminho guarda, assim, a lógica dos ancestrais africanos e indígenas, como a própria Trama Viva (Osório; Jesus; Silva Neto, 2026).

Os quatro passos

O caminho começa por um gesto e segue quatro passos, sempre na mesma ordem.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

O gesto inicial: esvaziar. Antes de ler, o pesquisador deixa de lado o que já pensa sobre o tema. Esse gesto é a própria cacimba, um vazio aberto na terra para a água do outro brotar.

1. Ler as entrevistas

Ler cada entrevista inteira, do começo ao fim, sem pressa. Ler também o que o corpo contou, com as percepções anotadas entre colchetes: [fica em silêncio], [olha para a roça], [canta baixinho].

2. Encontrar as essências

Ler o que cada fala diz e procurar a mesma ideia nas outras entrevistas. Uma tabela simples ajuda: uma linha para cada ideia, uma coluna para cada entrevista e um X onde a ideia aparece. A mesma ideia com outras palavras também conta. Essência é o que se repete na maioria das entrevistas e que se percebe no pensar. Maioria é mais da metade: com cinco entrevistas, três ou mais; com dez, seis ou mais; com 25, 13 ou mais. Para confirmar, perguntar: se eu tirar essa ideia, a experiência continua a mesma? Se não continua, é essência. Pode haver mais de uma essência.

3. Criar uma frase da Educação para cada essência

Perguntar: o que esta essência responde à questão norteadora? A frase começa por “mostra que”, traduz a essência para a linguagem da Educação e permite explicá-la com ciência.

4. Escrever sobre cada essência e devolver

Escrever um parágrafo para cada essência, com as falas entre aspas e sem o nome de quem contou. Depois, levar o texto à comunidade: quem contou lê ou ouve, confere e corrige, antes da versão final.

A teoria entra no artigo para explicar cada frase da Educação, e a fala continua em primeiro lugar. A profundidade conta mais que a quantidade: quanto mais funda a cacimba, mais clara a água, mais entendimento e mais escrita significativa.

O Quadro 6 une o caminho inteiro: cada gesto ou passo, o fundamento que o sustenta e o instrumento com que se faz.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

Quadro 6: O caminho inteiro, com fundamento e instrumento

Gesto ou passo	Fundamento	Instrumento
Esvaziar	Husserl (2006): suspender o juízo para ouvir o outro como ele é	Suspensão declarada antes da leitura
1. Ler as entrevistas	Schütze (2010) e Jovchelovitch e Bauer (2002): a narração inteira, sem corte; Merleau-Ponty (1999): o corpo exprime sentido	Entrevista inteira, em vídeo e em áudio, e diário de campo
2. Encontrar as essências	Schutz (2012): o que é típico no mundo da vida; Husserl (2006): a prova do que não pode faltar; Sandelowski (2001): a contagem dentro da pesquisa qualitativa	Tabela de análise da equipe
3. Criar uma frase da Educação	Schutz (2012): o construto de segundo grau, que nasce da fala de quem conta	Questão norteadora
4. Escrever e devolver	Lincoln e Guba (1985) e Birt et al. (2016): a conferência com quem participou; Trama Viva: o Trançado volta ao território	Texto lido a quem contou, antes da versão final

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

A fala de Furnas que desvelou o caminho

Os passos se desvelaram na oficina, com uma fala registrada em Furnas do Dionísio, lida e relida ao longo das aulas, primeiro com os passos de Giorgi (2009). Cada dificuldade com essa fala abriu uma parte da Análise da Cacimba.

Uma mulher do quilombo contou: “Eu aprendi tudo de roça e de lavar roupa com a minha mãe. Depois fui fazer sozinha. Passei vários anos na roça, depois fui trabalhar nas casas. Hoje as crianças não obedecem aos pais, só querem celular.”

Quadro 7: O que a fala de Furnas desvelou para o caminho

Na oficina, com a fala	O que se desvelou para o caminho
A turma leu a fala inteira, sem cortes, antes de qualquer teoria	O passo 1: ler a entrevista inteira, com o que o corpo contou
A fala foi cortada em unidades de significado pelas palavras de tempo, como pede Giorgi (2009), e os termos técnicos pesaram para quem começava	O começo do passo 2: contar o que se repete, com palavras do dia a dia
A turma tirou, na imaginação, cada parte da fala e observou o que não podia faltar	A prova do passo 2: sem essa ideia, a experiência continua a mesma?
Ao tirar a tarefa, o cenário ficou: na roça se ensina de um jeito, na sala de aula de outro	O território, que permanece em todos os passos
A turma disse cada parte da fala com as palavras da Educação, como pede Giorgi (2009)	O passo 3: a frase da Educação, que começa por “mostra que”
A frase final, sobre as crianças e o celular, chamou a atenção logo na primeira leitura	Uma frase sozinha não é essência: o caminho decide pela maioria e pelo pensar
A fala pertence a quem contou, a escrita aos periódicos	O passo 4: escrever e devolver o texto à comunidade

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

A mesma fala serve de exemplo dos quatro passos em movimento. A análise das 25 entrevistas fica para o próximo artigo. Para o exemplo, a questão norteadora é: como o saber passa de uma geração a outra no quilombo?

Quadro 8: Os quatro passos com a fala de Furnas

Passo	O que se faz com a fala
1. Leio	Leio a fala inteira e o que o corpo contou durante a entrevista
2. Encontro a essência	Procuro nas outras entrevistas: alguém ensinou? aprendeu no trabalho? passou a fazer sozinha? Marco em quantas aparece. Se “aprender com quem é mais velho” aparece em mais da metade das entrevistas, faço a prova: sem essa ideia, sobra passagem de saber entre gerações? Não sobra. Então é uma essência
3. Crio a frase da Educação	Mostra que o saber passa de uma geração a outra no lugar do trabalho
4. Escrevo	Escrevo o parágrafo e levo o texto de volta a Furnas

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Como exercício, o parágrafo do passo 4 fica assim: O saber passa de uma geração a outra. Uma mulher do quilombo contou: “Eu aprendi tudo de roça e de lavar roupa com a minha mãe.” Quem é mais velho ensina quem é mais novo, e ensina na roça, o cenário onde o trabalho acontece.

Síntese do caminho

A Análise da Cacimba é um caminho de quatro passos, precedido por um gesto. O pesquisador esvazia o que já pensa e lê cada entrevista inteira, com o que o corpo contou. Depois conta o que se repete e prova, no pensar, o que é essência. Traduz cada essência em uma frase da Educação. Por fim, escreve um parágrafo para cada uma e leva o texto de volta a quem contou. O território permanece em todos os passos, e a fala fica em primeiro lugar.

Discussão

Conversa com outros caminhos de análise

A Análise da Cacimba se aproxima de métodos já consagrados. Ela guarda deles o rigor e muda a linguagem e a ordem, para servir a quem analisa entrevistas em pesquisa com comunidades tradicionais.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

Quadro 9: A Análise da Cacimba e outros caminhos de análise

Método	O que propõe	O que a Cacimba guarda	O que a Cacimba muda
Giorgi (2009)	Quatro passos: sentido do todo, unidades de significado, transformação na linguagem da área e estrutura	A leitura do todo e a tradução para a linguagem da Educação	A essência vem antes da tradução e nasce do que se repete
Bicudo (2011)	Análise de cada entrevista e depois do conjunto	O olhar para cada entrevista e para todas juntas	Termos técnicos trocados por palavras do dia a dia
Moustakas (1994)	Descrição da experiência comum a todos os participantes	A busca do que é comum	O comum é o que aparece em mais da metade, e não em todas
Van Manen (1990)	Escrita reflexiva sobre a experiência vivida	A escrita como parte da análise	Um parágrafo simples para cada essência, com as falas
Bardin (2016)	Análise de conteúdo com contagem de frequência	A contagem do que se repete	A contagem só aponta; quem decide é o pensar
Braun e Clarke (2006)	Análise temática em seis fases, da familiarização com os dados ao relatório	A familiarização com os dados e a busca do que se repete	O tema dá lugar à essência, que passa pela prova do pensar, e o corpo entra como fonte
Método Documentário (Weller; Zardo, 2013)	Análise formulada e refletida de cada entrevista, comparação entre casos e construção de tipos	A leitura de cada entrevista e a comparação entre elas	No lugar do tipo, a essência, em linguagem do dia a dia, conferida por quem contou

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

O Quadro 9 mostra de onde vem cada passo da Análise da Cacimba. A contribuição do caminho está na ordem, na linguagem e no lugar dado ao território, ao corpo e a quem conta.

O Método Documentário pede nota à parte, porque o levantamento mostrou que, no Brasil, ele é o par mais frequente da entrevista narrativa na fenomenologia social. Weller e Zardo (2013) descrevem as suas etapas: a análise formulada e refletida de cada entrevista, a comparação entre casos e a construção de tipos. A Análise da Cacimba partilha com ele a comparação entre as entrevistas e se afasta no ponto de chegada: o tipo serve ao pesquisador para comparar casos, e a essência, neste caminho, volta à comunidade para ser conferida.

A diferença para a análise temática merece uma palavra, porque as duas contam o que se repete. Em Braun e Clarke (2006), o tema é um padrão de sentido que o pesquisador constrói no material. Na Análise da Cacimba, o que se repete só vira essência depois da prova do pensar: sem essa ideia, a experiência continua a mesma? A pergunta vem de Husserl (2006) e mantém o caminho dentro da fenomenologia social.

Quatro traços distinguem a Análise da Cacimba. O primeiro é o território, que permanece em todos os passos. O segundo é o corpo como fonte, registrado no vídeo e no diário

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

de campo. O terceiro é a devolução do texto à comunidade antes da versão final. O quarto é a imagem amazônica, que ensina o método inteiro a quem começa.

A contagem dentro da pesquisa qualitativa

Contar o que se repete costuma causar estranheza em quem faz pesquisa qualitativa. Sandelowski (2001) trata essa estranheza como mito: os números fazem parte da pesquisa qualitativa, porque o sentido depende, em parte, de quantas vezes algo aparece. A autora aponta também os riscos: contar com palavras vagas, como muitos ou alguns, contar demais e contar sem contexto.

A Análise da Cacimba responde a esses riscos de três modos. O número é dito com clareza: três em cinco, 13 em 25. A contagem é curta e serve a uma decisão só, a de onde olhar. E o contexto permanece, porque o território e o cenário acompanham a ideia contada. Quem decide o que é essência é o pensar, na prova que vem de Husserl (2006). No quilombo, contar já é saber: quem trança o cesto de taboca conta para mudar o ponto.

A essência entre Husserl e Schutz

Um leitor da fenomenologia pode perguntar como a essência nasce de uma contagem, se em Husserl (2006) ela é o que não pode faltar em nenhum caso. A resposta está na corrente escolhida. Na fenomenologia social, o que se busca é o típico: Schutz (2012) mostra que as pessoas conhecem o mundo por tipos, formados no que se repete na vida comum, e que o pesquisador constrói, a partir deles, os construtos de segundo grau.

A Análise da Cacimba une os dois movimentos. A maioria indica o que é típico naquele território, e a prova do pensar, herdada de Husserl (2006), confirma se o típico é também o que não pode faltar. Por isso a essência, neste caminho, vale para aquela comunidade e para aquela questão norteadora, sem pretensão de valer para todas. Vale também para aquele tempo: quem contou em Furnas nasceu no século XX, quando a mãe era muito presente na vida dos filhos, e aprender com a mãe é típico desse mundo da vida. A ontoepistemologia pedagógica situada (Osório; Jesus; Silva Neto, 2026) dá nome a isso: o saber tem lugar e tempo, e o caminho desvela o momento do quilombo.

A devolução como parte do rigor

Lincoln e Guba (1985) puseram a conferência com os participantes entre os meios de dar credibilidade à pesquisa qualitativa. Birt et al. (2016) mostram que essa conferência aparece nos artigos, muitas vezes, em uma frase, sem que se diga o que foi devolvido nem o que mudou depois. As autoras propõem devolver a síntese já interpretada, para que o participante reconheça ali a sua experiência e acrescente o que falta.

No Brasil, Pereira (2022) considera tímido o debate sobre a devolução na pesquisa em educação e defende que ela acompanhe todo o processo, do começo ao fim. A Análise da Cacimba segue essa direção. A devolução é o quarto passo, tem conteúdo definido, o parágrafo

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

de cada essência com as falas, e tem consequência: quem contou confere, corrige e decide se quer ser nomeado. Na Trama Viva, é a volta ao Pilão antes de fechar o Trançado. Em Furnas, a primeira devolução já aconteceu: as falas voltaram a quem contou, algumas foram refeitas e retornaram às equipes. A fala que segue para a análise é, assim, a que a pessoa reconheceu como sua. Quem levou as falas de volta foi uma professora da UMA na UEMS que é do quilombo e ali ensina: a devolução chegou pela mão de alguém da casa. Essa proximidade abre a porta e pede um cuidado, o de garantir que cada pessoa se sinta livre para corrigir ou retirar o que disse.

Autoria de quem conta

Na Análise da Cacimba, quem conta é dono do seu saber. Por isso, as falas entram sem nome e sem identificação. Assim, outros velhos reconhecem o próprio mundo no texto, e a pesquisadora escreve como contadora de histórias. Quando um velho é autor do que escreve, ele é nomeado como autor.

A lei brasileira ajuda a pensar essa autoria, mas não a resolve. A Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, protege as conferências, as alocuções e outras obras da mesma natureza, isto é, a forma da expressão oral; as ideias e os métodos ficam fora dela (Brasil, 1998). O saber de quem conta, como modo de plantar, de benzer ou de criar, pede outro reconhecimento. A Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, garante ao participante decidir se a sua identidade será divulgada (Brasil, 2016). Na Análise da Cacimba, essa decisão é de quem conta e é tomada na devolução do texto.

A devolução fecha o caminho. Na história da cacimba, é a cuia levada à casa vizinha: a água volta para quem ensinou.

O velho como pesquisador

A revisão de James e Buffel (2022) reuniu estudos em que velhos atuam como copesquisadores e descreveu os ganhos dessa participação: compreensão melhor das questões da velhice, políticas e serviços mais próximos de quem os usa e novas habilidades para os copesquisadores. A mesma revisão registra a crítica de que a participação do velho costuma ser simbólica, com pouca influência sobre o processo da pesquisa.

Na UMA, o lugar de pesquisador tem formação própria. Acadêmicos do projeto passam pela formação de pesquisador sênior, publicam artigos, conduzem aulas na graduação e na pós-graduação e, em alguns casos, seguem para o mestrado. A formação começou em Palmas e segue para outros polos, entre eles os de Mato Grosso do Sul. O velho que entrou nas equipes de Furnas já chegou, portanto, como pesquisador em formação.

Na oficina, o acadêmico da UMA esteve na equipe da formação ao texto: ouviu a entrevista, conferiu a tabela e disse o que faltava. Esse lugar responde também ao que Barros et al. (2025) e Rovetta et al. (2024) encontraram nas universidades, onde a prática entre gerações ainda se limita, muitas vezes, ao encontro. Quando o velho pesquisa ao lado do mestrando e do

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

doutorando, o encontro vira trabalho comum, e o saber de quem viveu entra na ciência pela porta da frente, como pede a ecologia de saberes de Santos (2007).

O que a oficina ensina à formação de professores

Para a formação de professores, área do PROFEDUC, a oficina deixa três aprendizados. O primeiro: o professor que pesquisa em território tradicional aprende com quem vive ali, e o velho ocupa na equipe o lugar de quem ensina. O segundo: o método se aprende no uso, com falas reais e com tempo para errar e rever. O terceiro: ensino, pesquisa e extensão acontecem no mesmo gesto quando a aula vai ao território e o texto volta a ele.

Esses aprendizados se ligam à frase de Freire (1996) sobre ensinar e aprender. Na oficina, ela valeu nos dois sentidos: a turma aprendeu com o quilombo, e a professora aprendeu com a turma. Ao perceber que os pesquisadores concordavam sem compreender, ela voltou ao que sabia fazer e refez a explicação. Para quem forma professores, fica o aprendizado: a concordância de uma turma pode esconder a falta de compreensão, e cabe a quem ensina notar a diferença sem esperar que a turma peça.

O que dá valor a um caminho novo

Quem propõe um método novo precisa dizer com clareza o que é novo. Wiles, Crow e Pain (2011) examinaram 57 artigos que anunciavam inovação em métodos qualitativos e concluíram que a maioria adaptava métodos já existentes; para os autores, o excesso de anúncios de novidade enfraquece o reconhecimento das boas adaptações. A Análise da Cacimba assume esse lugar: é uma reorganização de passos conhecidos, com ordem, linguagem e imagem próprias, e o Quadro 9 mostra de onde vem cada um.

Um conceito novo pede também definição clara. Podsakoff, MacKenzie e Podsakoff (2016) recomendam dizer o que o conceito é, quais são os seus traços necessários e em que ele difere dos vizinhos. A definição proposta é esta: a Análise da Cacimba é um caminho de análise de entrevistas narrativas, na corrente da fenomenologia social, em que o pesquisador suspende o que já pensa, lê cada fala inteira com o que o corpo contou, encontra as essências pelo que se repete na maioria das entrevistas e pela prova do pensar, traduz cada essência em uma frase da Educação e devolve o texto a quem contou.

O Brasil tem tradição de procedimentos de análise com nome e imagem próprios. Moraes (2003) apresentou a Análise Textual Discursiva com a imagem de uma tempestade de luz. Nascimento, Farias e Ramos (2019) propuseram a Análise de Prosa Enredada porque os métodos disponíveis não davam conta da pesquisa com os cotidianos, e partiram de um procedimento já existente. Nos dois casos, o reconhecimento veio do uso por outros pesquisadores, e esse é o passo que a Análise da Cacimba ainda tem pela frente.

Tracy (2010) reúne oito marcas da boa pesquisa qualitativa. O Quadro 10 mostra como este ensaio responde a cada uma.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

Quadro 10: A Análise da Cacimba diante das oito marcas de Tracy (2010)

Marca	Como o ensaio responde
Tema relevante	A análise de entrevistas em comunidades tradicionais, por pesquisadores em formação
Rigor	Quatro passos em ordem fixa, contagem declarada, prova do pensar e leitura em equipe
Sinceridade	O lugar da pesquisadora, a dificuldade com o método anterior e os limites estão declarados
Credibilidade	As falas ficam em primeiro lugar, e o texto volta a quem contou antes da versão final
Ressonância	A imagem da cacimba ensina o método inteiro a quem começa
Contribuição	Um caminho de análise com linguagem do dia a dia, para a educação intergeracional
Ética	Aprovação do comitê de ética, consentimento, falas sem nome e autoria de quem conta
Coerência	Questão, objetivo, corrente e passos apontam para o mesmo fim: o sentido de quem viveu

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Limites do caminho

O caminho tem limites que os próximos estudos precisam enfrentar. Ele foi pensado com uma turma de cinco equipes, cada uma com um acadêmico da UMA como pesquisador sênior, e 25 entrevistas narrativas, cinco por equipe, no quilombo Furnas do Dionísio. Ainda precisa ser vivido com os anciãos Guarani, Kaiowá e Terena da Reserva Indígena de Dourados e nos polos da Universidade da Maturidade, com outros pesquisadores. A decisão sobre a essência depende do pensar de quem pesquisa, por isso a devolução à comunidade e a leitura em equipe são parte do rigor.

Dois pontos pedem estudo. O primeiro é a regra da maioria. Mais da metade é uma medida simples, boa para quem começa, mas deixa aberta a pergunta sobre o que fazer com a fala que aparece uma só vez e traz algo que ninguém mais disse. O segundo é a prova do pensar, que depende da experiência de quem pesquisa; a leitura em equipe e a presença do acadêmico da UMA reduzem esse risco, sem eliminá-lo.

Três limites são do próprio ensaio. Ele mostra o caminho com uma fala, e a análise das 25 entrevistas fica para os próximos textos. O levantamento da literatura foi feito em um só dia e com expressões em português. E os autores descrevem um caminho que eles mesmos formularam, o que pede a leitura crítica de outros pesquisadores e o uso em outros territórios.

Considerações finais

A Análise da Cacimba responde à questão norteadora com um caminho em que a ciência começa pela vida de quem conta. O gesto de esvaziar, a leitura com o corpo, a contagem que aponta, a essência que se percebe no pensar, a frase da Educação e a devolução formam um

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

único caminho de análise. O caminho percorrido chegou a um modo de aprender a olhar: antes de analisar a fala do outro, o pesquisador examina o próprio olhar, para não pôr na fala o que ela não disse.

O caminho une o rigor da fenomenologia social a uma linguagem que o pesquisador iniciante entende numa leitura. A imagem da cacimba, africana no nome e amazônica no gesto, ensina que a pesquisa é funda: quanto mais fundo, mais ciência.

A contribuição se dá em três planos. No método, o ensaio entrega um caminho de análise com definição, passos, fundamento e instrumento de cada passo. Na formação de professores e de pesquisadores, mostra que o rigor se ensina com palavras do dia a dia e que cabe a quem ensina perceber quando a turma concorda sem compreender. Na relação com as comunidades tradicionais, faz da devolução um passo do método, com conteúdo e consequência. Os próximos estudos trazem a análise das 25 entrevistas de Furnas, já conferidas por quem contou, e o uso do caminho em outros territórios.

O caminho segue para Portugal. No polo da UMA em Soure, os acadêmicos vêm do trabalho na roça e na mineração da região, e as entrevistas narrativas com eles terão a Análise da Cacimba como caminho de análise, no pós-doutorado sênior internacional supervisionado pelo quarto e pelo quinto autor. O encontro entre o quilombo de Furnas e os velhos de Soure permite compreender o que o trabalho com a terra ensina em dois territórios.

O caminho foi percorrido em conjunto por docentes, acadêmicos e funcionários da UMA, mestrandos, doutorandos e quilombolas de todas as idades, e é esse andar junto que dá valor ao método. A água limpa da cacimba dá vida a outros. A ciência também, quando voa alto e volta ao território que a ensinou.

Agradecimentos

Os autores agradecem à comunidade do quilombo Furnas do Dionísio, que abriu a casa e a palavra; aos acadêmicos da UMA que atuaram como pesquisadores seniores nas equipes; aos mestrandos e aos doutorandos da oficina de pesquisa do PROFEDUC; à equipe de funcionários da UMA em Mato Grosso do Sul, aos docentes da UMA Indígena e da UMA Quilombola e à Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, parceira que a mantém; e à Profa. Clemilda Martins Serafim, professora da UMA na UEMS, que é do quilombo e acompanhou a devolução das falas a quem contou.

Nota de vínculo

Este texto integra o pós-doutorado da primeira autora no Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PROFEDUC) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), sob supervisão do Prof. Dr. Djanires Lageano Neto de Jesus, o pós-doutorado sênior internacional da primeira autora e do segundo autor na Universidade de Leiria e Oeste (ULO), em Portugal, sob supervisão do Prof. Dr. Ricardo Pocinho e do Prof. Dr. Cristóvão

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

Margarido, e o projeto de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo 307087/2026-3.

Contribuição dos autores

Conforme a taxonomia CRediT. Neila Barbosa Osório: conceituação, metodologia, investigação, administração do projeto e escrita do rascunho original. Luiz Sinésio Silva Neto: conceituação, metodologia e escrita na revisão e edição. Djanires Lageano Neto de Jesus: supervisão, validação e escrita na revisão e edição. A formulação conceitual da Análise da Cacimba é de Neila Barbosa Osório e Luiz Sinésio Silva Neto; Djanires Lageano Neto de Jesus acompanhou a construção como supervisor do pós-doutorado. Ricardo Filipe da Silva Pocinho: supervisão. Cristóvão Adelino Fonseca Franco Ribeiro Margarido: supervisão. Os dois acompanharam o trabalho como supervisores do pós-doutorado sênior internacional. Os cinco autores aprovaram a versão final.

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Declaração de disponibilidade de dados de pesquisa

Os dados de pesquisa não podem ser disponibilizados publicamente. A fala usada neste ensaio pertence a uma pesquisa com seres humanos aprovada pelo CEP da UFT (CAAE 94766925.9.0000.5519, parecer n. 8.235.477), com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos participantes. As entrevistas completas não são divulgadas, para proteger a identidade de quem contou.

Uso de inteligência artificial

Os autores usaram a ferramenta de inteligência artificial Claude, da Anthropic, modelos Opus 5.5 e Fable 5.2, como apoio na organização do texto, na revisão da linguagem e no levantamento exploratório da literatura, sob supervisão e conferência dos autores. Nenhum dado foi gerado pela ferramenta. A criação do método, as decisões teóricas e o conteúdo final são de responsabilidade dos autores.

Referências

ALFREDO, Antoninho; FÉLIX, Eusébio. Reflexão para um ensino humanizado em Moçambique a partir da sociologia fenomenológica de Alfred Schütz. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 4, n. 4, e17154, 2025. DOI: 10.22481/redupa.v4.17154.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Roberta Andrade e; HORTA, Natália de Cássia; DI BELLA, Lídia; FERNANDES, Maria Teresinha de Oliveira; SOUZA, Marina Celly Martins Ribeiro de;

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

SILVA, Isabela Rodrigues dos Anjos. Construindo pontes geracionais: benefícios e desafios da inclusão de pessoas idosas na universidade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 41, e57198, 2025. DOI: 10.1590/0102-469857198.

BELO, Rafael; MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Mapeamento do método fenomenológico nas pesquisas em educação no Brasil. **Filosofia e Educação**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 136-166, 2022. DOI: 10.20396/rfe.v14i1.8668099.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.

BIRT, Linda; SCOTT, Suzanne; CAVERS, Debbie; CAMPBELL, Christine; WALTER, Fiona. Member checking: a tool to enhance trustworthiness or merely a nod to validation? **Qualitative Health Research**, Thousand Oaks, v. 26, n. 13, p. 1802-1811, 2016. DOI: 10.1177/1049732316654870.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 44, 24 maio 2016.

BRASIL. Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 20 fev. 1998.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, London, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: 10.1191/1478088706qp063oa.

BRITTO DA MOTTA, Alda. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 225-250, 2010.

COUTINHO, Priscila de Oliveira; CUNHA, Maria Amália de Almeida. O exercício da socioanálise na docência: uma articulação entre a sociologia e a pesquisa-formação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 45, e271964, 2024. DOI: 10.1590/ES.271964.

CRUSOÉ, N. M. C.; SANTOS, E. M. Fenomenologia sociológica de Alfred Schutz: contribuições para a investigação qualitativa em prática educativa. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 13, n. 32, e13274, 2020. DOI: 10.20952/revtee.v13i32.13274.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

GIORGI, Amedeo. **The descriptive phenomenological method in psychology**: a modified Husserlian approach. Pittsburgh: Duquesne University Press, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

JAMES, Hayley; BUFFEL, Tine. Co-research with older people: a systematic literature review. **Ageing & Society**, Cambridge, p. 1-27, 2022. DOI: 10.1017/S0144686X21002014.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

LEAL, Simoní Portela; BOAKARI, Francis Musa. Do carreiro e da cacimba: experiências que explicam as relações entre educações e "ser gente" em comunidades. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 44, e250924, 2023. DOI: 10.1590/ES.250924.

LINCOLN, Yvonna S.; GUBA, Egon G. **Naturalistic inquiry**. Beverly Hills: Sage, 1985.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. *In*: FORACCHI, Marialice Mencarini (org.). **Karl Mannheim**: sociologia. São Paulo: Ática, 1982. p. 67-95.

MANNION, Greg. Intergenerational education: the significance of reciprocity and place. **Journal of Intergenerational Relationships**, Philadelphia, v. 10, n. 4, p. 386-399, 2012. DOI: 10.1080/15350770.2012.726601.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MOURA, Camila Batista Gama; SOARES, David Gonçalves; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Educação escolar quilombola em debate. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 52, e09773, 2022. DOI: 10.1590/198053149773.

MOUSTAKAS, Clark. **Phenomenological research methods**. Thousand Oaks: Sage, 1994.

NASCIMENTO, Valdriano Ferreira do; FARIAS, Isabel Maria de Sabino; RAMOS, Evódio Maurício Oliveira. Análise de prosa enredada na pesquisa com os cotidianos: um jeito de ver o currículo e dizer. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 59, p. 160-175, 2019. DOI: 10.12957/teias.2019.44952.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário de tupi antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

OLIVEIRA, Nubia Pereira Brito; OSÓRIO, Neila Barbosa; BRITO, Marlon Santos de Oliveira *et al.* Troca de saberes tradicionais: conexões na Universidade da Maturidade sobre o

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

benzer, rezar e curar. **Caderno Pedagógico**, Curitiba, v. 21, n. 10, e9403, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n10-233.

OSÓRIO, Neila Barbosa; JESUS, Djanires Lageano Neto de; SILVA NETO, Luiz Sinésio (org.). **Trama Viva**: o jeito UMA de ser, o jeito UMA de viver. Palmas: EdUFT, 2026. v. 1. DOI: 10.20873/_eduft_2026_44.

OSÓRIO, Neila Barbosa; SERA, Eduardo Aoki Ribeiro. Saberes do benzimento na Amazônia Legal: 20 anos de educação intergeracional na Universidade da Maturidade. **Caderno Pedagógico**, Curitiba, v. 23, n. 2, e23120, 2026. DOI: 10.54033/cadpedv23n2-016.

OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio. **Universidade da Maturidade**: 20 anos em 22 polos. Palmas: EdUFT, 2026. DOI: 10.20873/_eduft_2026_05.

OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio; BATISTA, Agostinho Quintino. **Acolhência**: a universidade que também escuta. Palmas: EdUFT, 2026. DOI: 10.20873/_eduft_2026_45.

PEREIRA, Antonio Serafim. Pesquisa em educação: refletindo sobre a devolução dos dados. **Comunicações**, Piracicaba, v. 29, n. 1, p. 219-237, 2022. DOI: 10.15600/2238-121X/comunicacoes.v29n1p219-237.

PODSAKOFF, Philip M.; MACKENZIE, Scott B.; PODSAKOFF, Nathan P. Recommendations for creating better concept definitions in the organizational, behavioral, and social sciences. **Organizational Research Methods**, Thousand Oaks, v. 19, n. 2, p. 159-203, 2016.

ROVETTA, I. L. et al. Desafios e benefícios das práticas intergeracionais nas universidades abertas à pessoa idosa no Brasil. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, 2024. DOI: 10.22456/2316-2171.137522.

SANDELOWSKI, Margarete. Real qualitative researchers do not count: the use of numbers in qualitative research. **Research in Nursing & Health**, Hoboken, v. 24, n. 3, p. 230-240, 2001. DOI: 10.1002/nur.1025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, 2007.

SANTOS, Valdirene Aparecida Araujo dos; SOUSA, Robson Simplicio de. A fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty a partir do corpo e a educação (em ciências). **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, v. 39, n. 121, e14366, 2024. DOI: 10.21527/21791309.2024.121.14366.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Organização de Helmut R. Wagner. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. *In*: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 210-222.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18939

SOUSA, Ádria Fabíola Pinheiro de; CAMARGO, Angelsea Augusta Lobato; SILVA, Josué Costa. As duas bandas da cuia: patrimônio cultural imaterial do Brasil. **Revista Presença Geográfica**, Porto Velho, v. 7, n. esp. 2, 2020. DOI: 10.36026/rpgeo.v7i2.5630.

TRACY, Sarah J. Qualitative quality: eight big-tent criteria for excellent qualitative research. **Qualitative Inquiry**, Thousand Oaks, v. 16, n. 10, p. 837-851, 2010. DOI: 10.1177/1077800410383121.

VAN MANEN, Max. **Researching lived experience**: human science for an action sensitive pedagogy. Albany: State University of New York Press, 1990.

WELLER, Wivian; ZARDO, Sinara Pollom. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 131-143, 2013.

WILES, Rose; CROW, Graham; PAIN, Helen. Innovation in qualitative research methods: a narrative review. **Qualitative Research**, London, v. 11, n. 5, p. 587-604, 2011.

Financiamento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), bolsa de Produtividade em Pesquisa, processo 307087/2026-3.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.